

O LIVRO DIDÁTICO COMO FERRAMENTA DE MEDIAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE TEXTOS NAS AULAS DE LÍNGUA ESPANHOLA

Márcia Maria Lima Candido (UNIGRANRIO)
marcia.maricosta@gmail.com

1. *Introdução*

O presente artigo pretende propiciar reflexões sobre a conquista do livro didático de espanhol na escola pública, pois este avanço se tornou um desafio para alguns educadores. Por um lado, pode-se dizer que é o reflexo da valorização da língua espanhola na formação dos estudantes contribuindo para o desenvolvimento de uma visão mais ampla do mundo e como um suporte na construção de textos nas aulas. Apresentando-lhes outras expressões culturais e novas formas de pensar e interagir, expressas nos diversos gêneros em circulação.

Considerando o livro didático como um apoio auxiliar para suprir as necessidades de aprendizagem dos alunos, é importante ressaltar que alguns professores de língua espanhola da rede estadual do Rio de Janeiro, muita das vezes só podem contar com 50 minutos por semana para utilizar o livro, explorar os textos e as atividades. Nesse sentido, vale ressaltar que o compromisso do aluno em aprimorar seus conhecimentos é muito importante para o sucesso da aula. Um tipo de aula eficiente com determinado grupo pode não ter o mesmo resultado com outro.

Dessa forma, pode-se dizer que a prática profissional deve ser pensada em relação ao público alvo, pois o professor cumpre um papel fundamental. É como um mediador no processo de ensino aprendizagem, incentivando o intercâmbio de experiências entre os alunos e criando espaços para a construção conjunta de saberes na sala de aula.

Ao longo de sete seções, será possível refletir também sobre o ensino de língua materna e a aquisição do espanhol como segunda língua, a partir das noções da linguística aplicada.

2. *Ensino de língua materna*

Ao ensinar português aos falantes dessa língua, alguns educadores se perguntam “Para que ensinar português a falantes nativos de Portu-

guês?” De acordo com Travaglia (2005, p.17), o ensino de língua materna se justifica pelo objetivo de desenvolver a competência comunicativa dos falantes da língua (leitor / ouvinte / escritor) ou seja, a capacidade do falante usar adequadamente a língua nas situações diversas de comunicação. Acredita-se que este desenvolvimento deve ser compreendido como uma capacidade progressiva do ato verbal se adequar as situações de comunicação.

Desse modo, Travaglia (2005, p. 17), ressalta que a competência comunicativa faz referência a duas outras competências: linguística e textual. Pode-se definir competência linguística, como a capacidade que tem todo usuário da língua de gerar sequências linguísticas gramaticais, isto é, expressões consideradas próprias e típicas da língua em questão. Vale ressaltar que a sequência de orações, frases é aceitável como uma construção da língua. Considerada uma capacidade de gerar um número infinito de frases gramaticais com base nas regras da língua.

Segundo Travaglia (2005, p.18), a competência textual é a capacidade de produzir e compreender textos. Nesse sentido, percebe-se a importância de propiciar o contato do educador com a maior variedade possível de situações de interação comunicativa. Desta forma, faz-se necessário a “abertura da aula à pluralidade dos discursos”. Sendo assim, será possível realizar a tão falada abertura da escola à vida, ou seja, a integração da escola à comunidade.

Portanto, se a comunicação surge por meio de textos, pode-se dizer que, o objetivo do ensino de língua materna é desenvolver a competência comunicativa. Isso, corresponde então ao desenvolvimento da capacidade de produzir e compreender textos nas mais diversas situações de comunicação (TRAVAGLIA, 2005, p. 18).

Travaglia (2005, p. 19) ressalta que alguns professores de LM estão preocupados em conduzir o aluno ao domínio da língua padrão e ensinar a variedade escrita da língua. Acredita-se que, por razões de natureza política, social e cultural, essas preocupações sejam importantes a serem alcançadas pelo ensino fundamental e médio. Assim, pode-se afirmar que a variedade culta, padrão, formal da língua, bem como sua forma escrita, são estruturas adequadas ao uso apenas em determinados tipos de interação comunicativa.

Para Bagno (2002, p. 75), o ensino de língua deveria refletir sobre os valores sociais atribuídos a cada variante linguística. Focalizando a carga de discriminação que pesa sobre determinados usos da língua, de

modo a conscientizar o aluno de que sua produção linguística oral ou escrita, estará sempre condicionada a uma avaliação social, positiva ou negativa. Segundo Bagno (2002, p. 75 e 76):

Se, num trabalho escrito, por exemplo, encontramos usos linguísticos condenados pela gramática normativa, vamos ter a honestidade e o bom senso de reconhecer que a NP tradicional oferece apenas uma das possibilidades de realização dos recursos existentes na língua, uma possibilidade que além de única é também carregada de traços de obsolescência que provoca no falante nativo um estranhamento quase semelhante ao provocado por um enunciado em língua estrangeira.

Faz-se necessário, que o professor explique com base em estudos linguísticos, a origem e o funcionamento das formas linguísticas consideradas informais, que ensine as regras que direcionam cada uma delas. Isso contribuirá para deixar claro que as opções alternativas a regra da gramática normativa não são incoerentes nem confusas. Muito pelo contrário, seguem normas tão lógicas quanto as que governam a língua padrão.

Da mesma forma, Travaglia (2005, p. 19) acredita que em diferentes tipos de situações deve-se usar a língua de modo diversificado. Portanto, segundo os autores Bagno (2002, 75) e Travaglia (2005, p. 19), não cabe o argumento de ensinar apenas a norma culta porque o aluno já domina as demais. Acredita-se que isso não é verdade, uma vez que o educando, quando chega à escola, pode dominar bem uma ou duas variedades, mas sempre tem muito que aprender de diversas variedades, inclusive das que tem domínio.

3. *Língua estrangeira: objeto de estudo da LA*

No Brasil, nas últimas décadas os encontros de *linguística aplicada* têm incluído em suas programações, sessões que tratam especificamente da natureza de LA. Vale ressaltar que é uma área que começa em 1940, com o interesse em desenvolver materiais para o ensino de línguas durante a Segunda Guerra Mundial com enfoque na área de ensino/ aprendizagem de línguas, na qual até hoje tem grande importância. Pode-se dizer que essa área se inicia como resultado dos avanços da *linguística* como ciência no século XX, construindo-se como um estudo científico no ensino de línguas estrangeiras.

De acordo com Menezes (2009, p. 26), a LA surgiu como uma disciplina voltada para os estudos sobre ensino de línguas estrangeiras e

hoje se configura como uma área responsável por uma série de novos campos de investigação transdisciplinar, ou seja, de novos modelos de pesquisa e de novas perspectivas sobre o que é ciência. Menezes (2009, p. 26) afirma que:

existem três visões: ensino e aprendizagem (ex.: trabalhos sobre estratégias de aprendizagem de língua estrangeira), aplicação de linguística (ex: investigações sobre os princípios e parâmetros da gramática gerativa na interlíngua de aprendizes de língua estrangeira) e investigações aplicadas sobre estudos de linguagem como prática social (ex.: estudos sobre identidade)

Com base nas três visões citadas por Menezes (2009, p. 27), acredita-se que o objeto de investigação da LA é a linguagem como prática social, isto é, no contexto de aprendizagem de língua materna ou de outra língua. Pode-se dizer, até mesmo em qualquer outro contexto em que tenham questões pertinentes a linguagem.

Para Moita Lopes (1996, p. 13), a linguística aplicada também é uma ciência social, já que seu foco é em problemas de uso da linguagem enfrentados pelos participantes do discurso no contexto social, isto é, usuários da linguagem (leitores, escritores, falantes, ouvintes). Vale ressaltar que muitos projetos existentes em LA estão centrados em quatro áreas: ensino/aprendizagem de língua estrangeira (LE), ensino/aprendizagem de língua materna (LM), educação bilíngue e tradução. Nesse sentido, é importante destacar, que a linguística aplicada não está restrita somente em investigação em contextos de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras e tradução, o campo começa a pesquisar contextos de ensino e aprendizagem de língua materna, no campo dos letramentos, e de outras disciplinas do currículo.

Desse modo, percebe-se que fazer pesquisa pode ser uma forma de repensar a vida social, pois, a *linguística aplicada* é considerada por Moita Lopes (1996, p. 7) e Menezes (2009, p. 26) uma área centrada na resolução de problemas da prática do uso da linguagem dentro e fora da sala de aula, ou seja, a preocupação é com os problemas de uso da linguagem situados na práxis humana.

4. Perfil dos estudos em LA na aquisição de L2

A pesquisa da área do ensino-aprendizagem de línguas no Brasil está baseada em informações teóricas advindas principalmente da linguística. Sendo assim, o estudo de língua estrangeira pode ser caracterizado como subárea de LA.

A pesquisa na área de ensino- aprendizagem de línguas é baseada na investigação do produto da aprendizagem, ou seja, a abordagem a ser investigada constitui uma hipótese sobre o processo de ensinar e aprender línguas a ser testada em sala de aula.

Os alunos são submetidos a testes, para aferir o produto final da aprendizagem, cujos resultados são tratados estaticamente de modo à estabelecer relações de causa e efeito entre a hipótese testada (tratamento experimental) e o produto de aprendizagem.

Dessa forma, percebe-se a importância do professor de línguas conhecer a teoria da linguagem para sistematizar o assunto ensinado, porém, antes de tudo, o educador deve ser um pesquisador dos problemas de aquisição de uma LE com aprendizes reais, num contexto institucional. Nesse sentido, acredita-se que o estudo das questões ligadas ao ensino não se reduzia apenas à aplicação de descrições ou teorias linguísticas. Portanto, é possível observar o foco de interesse na realidade do ensino, voltando-se para a constatação prática de necessidades específicas do ensino e do aluno (CORACINI, 2010, p. 29).

Os programas de pós-graduação começaram a surgir na segunda metade da década de 1970, incentivando pesquisas em linguística aplicada, como as investigações sobre a leitura em língua estrangeira a partir da prática observada em sala de aula. As dissertações, já se mostravam preocupadas com o processo de aprendizagem. Assim, surgiram estudos sobre interlínguas que utilizavam a análise de erro; pesquisas sobre a aquisição de segunda língua que se valiam de estudos de caso longitudinais, e estudos experimentais sobre leitura em língua estrangeira. Considerando, um verdadeiro objeto da linguística aplicada e não apenas aspectos linguísticos do ensino e do aprendizado de línguas (MOITA LOPES, 1996, p. 30).

Desse modo, a pesquisa na sala de aula de línguas, nesse contexto, visa ao processo do ensinar e aprender. Moita Lopes (1996, p. 90) assim descreve:

pesquisa de diagnóstico – centrada na investigação do processo de ensinar/aprender, conforme realizado em sala de aula;

pesquisa de intervenção – Investigação de uma possibilidade de se modificar a situação existente em sala de aula.

Considerando os dois tipos de pesquisa, é possível ressaltar uma valorização do uso de abordagens qualitativas de natureza etnográfica. Nesse sentido, é possível observar uma preocupação com o aspecto hu-

mano, social na composição da disciplina. Portanto, muitas são as disciplinas que estudam questões que podem orientar a pesquisa sobre os problemas de uso e da aprendizagem de uma língua estrangeira em contextos específicos.

Para Coracini (2010, p. 9), a sala de aula e o aluno, sempre estiveram no centro das preocupações dos linguistas. Pode-se dizer que as pesquisas no Brasil, em linguística aplicada, se voltaram para a sala de aula, observando o que acontece dentro das quatro paredes, lugar onde só era permitida a presença de alunos e professores ou de um supervisor. Assim, a pesquisa se voltou efetivamente aos sujeitos da sala de aula: educadores e alunos. Moita Lopes (1996, p. 29), também ressalta que a maior parte das pesquisas que são realizadas em linguística aplicada no Brasil estão condicionadas às questões relativas ao uso da linguagem em sala de aula, incluindo, portanto, aspectos de ensino/aprendizagem de línguas entre o aprendiz e o professor. Enfim, deve-se considerar o vínculo da pesquisa em aquisição de LE aos conceitos que consolidam a linguística aplicada como área de estudos científicos, no que diz respeito à aplicação, principalmente por partir de fatos reais, ou seja, vivenciados em sala de aula.

5. *A conquista do livro didático de espanhol na escola pública*

Considerando o livro didático como uma das ferramentas de apoio para o professor de línguas, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), tem como principal objetivo subsidiar o trabalho pedagógico com a distribuição de livros consumíveis aos alunos. Vale ressaltar que a entrega desses livros foi uma novidade para os alunos de ensino médio. Sendo assim, pode-se dizer segundo Coracini (2010, p. 114) que o livro didático costuma ser, quase que exclusivamente, a principal fonte de material didático usado pelos educadores de língua espanhola.

O Programa Nacional o Livro Didático PNLD – já existe há dez anos, porém só em 2011, que o componente curricular língua estrangeira moderna foi incluído e, a partir deste ano cada aluno recebeu em sua escola um livro de espanhol acompanhado de um CD de áudio que propõe atividades que exigem uma significativa competência linguística. Dessa forma, acredita-se que não há dúvida de que é uma conquista para o ensino de língua espanhola nas escolas públicas, pois reflete a valorização do papel da língua estrangeira na formação de indivíduos dotados de consciência social, criatividade e mente aberta para conhecimentos no-

vos, contribuindo para construção de uma nova forma de pensar e ver o mundo (OCEM, 2006, p. 90).

A escolha dos livros didáticos, de acordo com o *Guia do PNL D* (2011, p. 9), foi um processo sigiloso e cuidadoso. Pode-se observar no contexto escolar que as coleções selecionadas refletem o caráter educativo da aprendizagem de uma língua estrangeira, dando ao estudante a oportunidade de uma nova forma de comunicação e expressão, ou seja, conhecer sobre si mesmo e sobre as culturas locais e globais. Desse modo, pretende-se propiciar aos alunos o acesso à informação, abrindo-lhes novas possibilidades de conhecimento do mundo nele desenvolvendo uma consciência mais crítica e livre.

De acordo com o *Guia do PNL D – 2011*, cada coleção vem acompanhada de um manual do professor que, além de respostas para as atividades propostas, há sugestões de como os educadores podem explorar os exercícios e ampliar o trabalho com os temas propostos através de indicações de leituras, fontes de consultas bibliográficas e webgráficas. Há também a recomendação de que os professores façam uma leitura das resenhas das coleções selecionadas para que possam avaliar e escolher a coleção mais adequada para a realidade em que atuam.

Sendo assim, vale ressaltar que o Programa Nacional do Livro Didático (2012, p. 7) incluiu na área de linguagem, Códigos e suas tecnologias, o componente curricular língua estrangeira moderna para o segmento do ensino médio atendendo a LDB 9394/96 com o objetivo de garantir que as línguas estrangeiras componham o conjunto de disciplinas que definem o perfil de formação do aluno dessa etapa da educação básica. Este perfil é delineado pelo modo como cada disciplina participa da preparação básica para o trabalho, para a cidadania e até mesmo o aprimoramento da autonomia intelectual e do pensamento crítico do estudante, pautando-se sempre em valores éticos e humanos.

Segundo as *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio* (2006, p. 92), o valor educacional da aprendizagem da língua estrangeira assume o compromisso de ir muito além de capacitar o aprendiz a usar uma determinada língua estrangeira para fins comunicativos. Vale lembrar que os *Parâmetros Curriculares Nacionais* também ressalta que

A aprendizagem da língua estrangeira é uma possibilidade de aumentar a autopercepção do aluno como ser humano e como cidadão. Por esse motivo, ela deve centrar-se no engajamento discursivo do aprendiz, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo a poder agir no mundo social. (PCN, 1998, p. 15).

Nesse sentido, pode-se dizer que os parâmetros Curriculares Nacionais e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, constituem documentos de referências bibliográficas nas coleções selecionadas pelo Guia de Livros Didáticos – PNLD e também servem para nortear a reflexão e investigação no que tange ao ensino/aprendizagem de LE no Brasil oferecendo meios à (re)elaboração do currículo escolar e de seu projeto pedagógico.

6. Livro didático: um desafio para o professor de língua espanhola

Nessa seção pretende-se discutir o desafio do educador de língua espanhola da rede pública do RJ diante do livro didático e como fazer deste desafio uma ferramenta de mediação na construção de textos nas aulas de LE.

A primeira observação a ser feita é que o ensino de língua espanhola, muitas das vezes não é visto como elemento importante na formação do educando, como um direito que lhe deve ser assegurado. Ao contrário, essa disciplina hoje não tem lugar privilegiado, sendo ministrada como disciplina de matrícula facultativa, como parte integrante do currículo escolar, sendo obrigatória a sua oferta pela unidade escolar de acordo com a Portaria Seeduc/Sugen nº 174 de 26 de agosto de 2011.

Deve-se considerar também a carga horária reduzida dos tempos de aulas em algumas escolas. Poucas instituições de ensino médio tem 1h e 40 minutos de aula, na maioria das vezes, como acontece com o horário noturno, são apenas 40 minutos por semana. Isso não quer dizer, contudo, que dependendo dessas condições os objetivos não serão alcançados, pois, a proximidade linguística entre o espanhol e o português às vezes permite que o estudante brasileiro leia e compreenda, ao menos de maneira parcial, textos em língua espanhola. Vale ressaltar que, além desses fatores outros contribuirão para o sucesso ou fracasso do ensino de espanhol. O interesse do aluno é fundamental neste processo de aprendizagem.

Acredita-se que o professor de língua espanhola tem conquistas ou obstáculos com a chegada do livro didático de espanhol. Nesse sentido, segundo as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (2006, p.109) enfatizam o ensino de línguas estrangeiras baseada em uma visão heterogênea, plural e complexa de linguagem, de cultura e de conhecimento, visão essa sempre inserida em contextos socioculturais. Deste

modo, percebe-se a necessidade de valorizar a interação que ocorre no ambiente escolar e o papel do educador, que deve mediar e promover na sala de aula, situações de interação entre os alunos e dos alunos com o objeto de conhecimento (os conteúdos). Partindo dessa perspectiva será possível propiciar aulas de qualidade com o livro didático por meio dos textos e das atividades considerando que o aluno da escola pública consiga aprender a língua estrangeira para compreender e produzir diversos tipos de textos.

Sendo assim, é possível ressaltar que nas coleções selecionadas o trabalho com a leitura e a comunicação oral e escrita é entendido como um conjunto de práticas culturais contextualizadas, que considera e valoriza as diferenças e especialidades locais/regionais do contexto de aprendizagem. Dessa forma, percebe-se que o professor poderá através dos textos e das atividades conduzir o educando a refletir sobre o lugar que ocupa na sociedade e sobre as diversas formas possíveis de ver e compreender a realidade que o cerca.

Essa perspectiva é essencial para a compreensão da proposta das OCEM (2006, p. 110) com relação ao trabalho com a comunicação oral, leitura e prática escrita que, segundo destaca o documento, já não devem ser entendidas como partes da concepção de quatro habilidades (produção oral e escrita e compreensão oral e escrita), mas sim na visão alternativa de heterogeneidades abertas e socioculturalmente contextualizadas. Nesse sentido, pode-se dizer que nenhum livro didático substituiu o professor, porém a escolha de um bom material de apoio para o trabalho pedagógico do professor e do aluno contribui para o aprimoramento da qualidade de ensino.

Para Coracini (2010, p. 32), é essencial criar situações para que o aluno, mesmo em LE, vivencie a pluralidade de significados de um texto diferente. Diante disso, vale destacar que o aluno deve saber também que há sentidos previstos para um texto. Na situação de sala de aula, uma leitura prevista com certeza é a do professor que através das atividades didáticas que propõe, direciona o sentido que o aluno deve atribuir ao texto (CORACINI, 2010, p. 90). Nesse processo, valorizam-se as experiências pessoais e o conhecimento prévio do aluno, que, dessa forma poderá participar da construção dos sentidos do texto.

É possível observar nas coleções selecionadas que a leitura é trabalhada com o objetivo de proporcionar a interação do aluno – leitor com o texto, o autor e o contexto. Nesse sentido os textos orais e escritos dos

mais diversos gêneros poderá proporcionar aos alunos a oportunidade de refletir sobre as várias práticas discursivas.

Assim, o professor através do livro didático poderá propiciar condições para que o aluno se engaje discursivamente no mundo em que vive, contribuindo para ampliar suas informações sobre os povos falantes do espanhol e, ao mesmo tempo, o conhecimento que tem de si e de seu universo social. Como se pode observar o livro didático pode ser considerado uma ferramenta de mediação no processo de construção de textos, pois a diversidade de textos permite ao aluno tomar consciência das características típicas de determinados gêneros e perceber como eles são flexíveis e dinâmicos.

7. Considerações finais

De modo geral acredita-se que as propostas de trabalho com o livro didático de espanhol poderá fomentar o respeito pela diversidade, pois as coleções selecionadas propõe a visão de língua como manifestação de uma cultura (ou de várias culturas), o que cria mais possibilidades para a inclusão linguística dos alunos, aspecto essencial para a construção de sua cidadania e para a sua própria inclusão no contexto mundial contemporâneo.

Dessa forma, vale ressaltar a importância do professor de línguas ter conhecimentos dos estudos linguísticos para sistematizar o assunto a ser estudado e ser um pesquisador dos problemas de aquisição de linguagem em LE, para entender as possíveis dificuldades dos alunos no processo de ensino aprendizagem da língua espanhola.

Sendo assim, o livro didático poderá propiciar aulas produtivas, pois o embasamento teórico é essencial para o professor conduzir as suas aulas e buscar estratégias para usar os textos do livro como apoio para a construção de textos. Vale lembrar que o sucesso do livro didático também dependerá do interesse dos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

CORACINI, Maria José (Org.). *O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira*. Campinas: Pontes, 2010.

GUIA de livros didáticos: PNLD 2011: língua estrangeira moderna. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

GUIA de livros didáticos: PNLD 2012: língua estrangeira moderna. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011.

KLEIMAN, Angela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 10. ed. Campinas: Pontes, 2004.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Oficina de linguística aplicada*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

ORIENTAÇÕES curriculares nacionais para o ensino médio. Língua-gens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2006.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e; SILVA, Marina Morena dos Santos e; GOMES, Iran Felipe Alvarenga e. *Sessenta anos de linguística aplicada: de onde viemos e para onde vamos*. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/linaplic.pdf>>.

PARÂMETROS curriculares nacionais: língua estrangeira. Brasília: Ministério da Educação e do Deporto. Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

PEREIRA, Regina Celi Mendes; PILAR, Roca Maria del. (Orgs.). *Linguística aplicada, um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.

PORTARIA SEEDUC/SUGEN: número 174 de 26 de agosto de 2011

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.